



Scientific Research and Reviews (DOI:10.28933/SRR)



PREVALÊNCIA DE ACIDENTES EM CRIANÇAS

Brazão, G.1; Silva, L.F.T2; Silva, A.T.P3; Silva, T.P.S4; Souge, E.B5

1,2Estudante do Curso de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE; 3,4,5Doutor em Neuropsiquiatria e Ciências do Comportamento pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE.

ABSTRACT

Pode-se considerar os acidentes e violências por causas externas aqueles que não estão relacionados a problemas orgânicos do indivíduo. O interesse crescente por esta temática, reflete-se pelos números expressivos de vítimas fatais e com lesões permanentes¹.

Adicionalmente alguns ciclos etários parecem estar mais vulneráveis, dentre estes as crianças acima de um ano de idade. Esse panorama tem implicado em um grave problema de saúde pública nacional, que requer o aprofundamento de estudos sobre suas características, magnitude e impacto na vida das pessoas¹. Além do impacto econômico e social para família, a vivência de acidentes causa grande impacto ao longo da vida da criança ocasionando por muitas vezes limitações na convivência e no desenvolvimento².

Os acidentes são uma das principais causas de morte, hospitalização e deficiência em todo o mundo. No entanto, o padrão e a etiologia das lesões e seus resultados variam substancialmente dentro das populações e países. Tornando necessária a análise e identificação destes bem como suas prevalências^{1,4}.

Tendo em vista que a prevenção de acidentes é uma tarefa fundamentalmente educacional e formativa, acredita-se que as mudanças de comportamentos seriam importantes medidas preditoras, porém estas iniciativas necessitam de maiores esclarecimentos sobre o fenômeno.

Nesse sentido assevera-se que o conhecimento sobre as taxas de prevalência dos principais acidentes infantis, pode de certa forma corroborar à redução dessa problemática. Dessa forma o presente estudo tem por objetivo analisar a literatura sobre as taxas de prevalência por tipos de acidentes em crianças na faixa etária de 5 a 10 anos de idade.

*Correspondence to Author:

Brazão, G.

Estudante do Curso de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

How to cite this article:

Brazão, G.; Silva, L.F.T; Silva, A.T.P; Silva, T.P.S4; Souge, E.B5

PREVALÊNCIA DE ACIDENTES EM CRIANÇAS. Scientific Research and Reviews, 2018,4:39

 eSciPub
eSciPub LLC, Houston, TX USA.
Website: <http://escipub.com/>

MATERIAL E MÉTODOS

Para o estudo foi realizada uma revisão de literatura do tipo integrativa que, segundo Mendes e Silveira (2008)⁵, corresponde a uma análise a partir de fontes secundárias de informação com a finalidade de reunir e sintetizar resultados de pesquisas sobre um delimitado tema ou questão.

A busca foi realizada em três etapas sendo a primeira relacionada à escolha das bases de dados e descritores. Foram escolhidas três bases de dados que fundamentaram a pesquisa: Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior CAPES/MEC; Base de Dados Internacional PubMed; Sistema Online de Busca e Análise de Literatura Médica MEDLINE e Índice da Literatura Científica e Técnica da América Latina e Caribe LILACS

Os descritores selecionados para realização da pesquisa foram extraídos mediante consulta ao banco Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), sendo considerados: "criança", "acidentes", "violência", "prevalência" foram utilizados de forma combinada nos idiomas português ou inglês através do uso do operador booleano "AND". A seleção se restringiu a artigos publicados em português, inglês ou espanhol no período compreendido entre setembro de 1997 a setembro de 2017. A última consulta às bases de dados foi realizada em trinta de setembro de 2017.

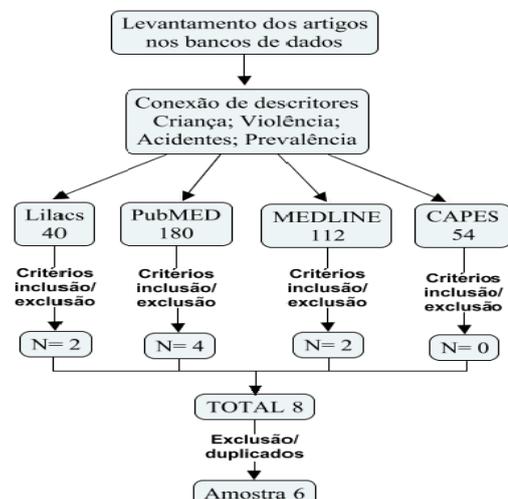
Figura 1 – Representação esquemática do levantamento bibliográfico e a seleção dos artigos

A segunda etapa da pesquisa consistiu na definição dos critérios de inclusão e exclusão, a saber: Inclusão: a) textos cujo resumo estivesse disponível para leitura; b) sem restrição de limites na busca relativos à local de realização do estudo. Exclusão: a) estudos publicados sob a forma de editoriais, entrevistas, notas clínicas, estudos e relatos de caso; b) outros estudos de revisão; c) estudos que não apresentem explicitamente as prevalências dos tipos de acidentes; d) estudos que não detalhavam o grupo de estudo entre 5 a 10 anos de idade.

Na terceira etapa optou-se pela realização da leitura, análise e interpretação dos textos completos, baseada em quatro parâmetros, conforme ponderam Lakatos e Marconi: (a) apreciação crítica do material; (b) decomposição dos elementos essenciais; (c) agrupamento e classificação; (d) análise final.

Os estudos foram lidos individualmente por dois pesquisadores. Quando se observaram discordâncias entre eles, um terceiro pesquisador era consultado para opinar quanto à inclusão ou não do artigo. Ao final foram identificados 386 artigos, a base de maior relevância para o trabalho foi a PUBMED com 173 manuscritos, porém após a leitura dos textos, apenas seis artigos de fato foram incluídos na revisão.

O fluxograma (Figura 1) abaixo apresenta o processo de levantamento bibliográfico e a seleção dos artigos dessa revisão.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

O quadro 1 sumariza as informações dos artigos incluídos nesta revisão. Nota-se que metade dos artigos revisados é do Brasil, entre tanto ainda são poucos estudos realizados, entretanto percebe-se uma prevalência no acidente por queda, sendo praticamente metade da prevalência por acidente que não levaram a morte da criança.

A queda é o acidente mais comum e é justificado por Filócomo et al (2002)⁶, que apresenta a infância como sendo um período de desenvolvimento cognitiva, psicossocial e de sua maturação motora. Na qual a criança está aprendendo a conhecer seus limites e adaptando-se ao ambiente que está inserida. Na faixa etária acima de quatro anos, acrescenta-se ainda mais eventos que corroboram ainda mais para o alto índice de queda, fatores como a atividades de lazer e esportes, típicos da idade, destacando-se jogos, bicicleta, patins e outros.

Posteriormente a queda, os acidentes de trânsito ocupam a segunda posição como tipo de acidente mais predominante na maioria dos estudos. Contudo, dos acidentes que levam a morte os acidentes de trânsito são os acidentes que se destacam como maior responsável.

Com base nisso é importante salientar que a reeducação no trânsito, parece ser uma importante medida preventiva, a exemplo as campanhas já realizadas no país, que culminam com a criação de novos hábitos por parte dos cuidadores reduzindo expressivamente algumas condutas que podem levar a ocorrência de acidentes.

Adicionalmente remete-se também a importância da realização de ações intersetoriais relativas ao trânsito com o objetivo de minimizar as mortes por esse meio pela compreensão da gestão compartilhada de cuidados em saúde e educação para saúde no trânsito¹.

Há também que destacar que estudos de diferentes países e regiões podem configurar uma prevalência diferente do restante do que é

esperado como padrão no mundo. Como foi o caso do estudo de Mitchell et al (2013) onde ocorre uma inversão nos padrões, tendo 51,9% dos acidentes como motivo de trânsito e posteriormente 22,7% representando as quedas. Esse aspecto pode ser explicado pelas diferenças sócio culturais do país. Ficando assim um alerta para necessidade de uma investigação das prevalências de cada local, para que assim se possa fazer uma prevenção mais adequada para cada situação.

Percebe-se que não há uma universalidade em questão das idades estudadas, há estudos em que a faixa estudada é de 5-9 anos, 6-9 anos, 7-9, anos e 6-10 anos o que dificultou a análise mais aprofundada sobre a temática, nesse sentido assevera-se a necessidade de um consenso para que se possam ter estudos mais delimitados e coesos entre si.

CONCLUSÃO

Considera-se que apesar da relevância da temática, a literatura sobre os acidentes infantis ainda é incipiente. Em relação as prevalências por acidentes, destaca-se que as quedas ainda se mostram como expressivos fatores para o risco de morbimortalidade por acidentes na infância.

Observou-se que a falta de padronização das faixas etárias das amostras foi um importante limitador para inclusão e análise de dados mais expressivos. Contudo, destaca-se ainda a necessidade de maiores investigações sobre estratégias preventivas com objetivo de reduzir a morbimortalidade infantil oriunda desses eventos.

REFERÊNCIAS

1. MALTA, Deborah Carvalho et al. Perfil dos atendimentos de emergência por acidentes envolvendo crianças menores de dez anos: Brasil, 2006 a 2007. Ciênc. saúde coletiva [online]. 2009, vol.14, n.5 [cited 2017-10-15], pp.1669-1679.
2. MARTINS, Christine Baccarat de Godoy and ANDRADE, Selma Maffei de. Epidemiologia dos acidentes e violências entre menores de 15 anos em município da região sul do Brasil. Rev. Latino-Am. Enfermagem [online]. 2005, vol.13, n.4 [cited 2017-10-15], pp.530-537.

3. World Health Organization. World report on child injury prevention. Geneva: World Health Organization; 2008
4. ROMERO P, PATRICIO. Accidentes en la infancia: Su prevención, tarea prioritaria en este milenio. Rev. chil. pediatr. [online]. 2007, vol.78, suppl.1 [citado 2017-10-15], pp.57-73.
5. MENDES, K.D.S., SILVEIRA, R.C.C.P.; GALVÃO, C.M. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. Texto Contexto Enferm. 2008; 17(4):758-64.
6. FILÓCOMO F.R.F. et al. Estudo dos acidentes na infância em um pronto-socorro pediátrico. Revista Latino Am. Enf. 2002; 10:41-47.
7. MALTA, Deborah Carvalho et al. Atendimentos por acidentes e violências na infância em serviços de emergências públicas. Cad. Saúde Pública[online]. 2015, vol.31, n.5 [cited 2017-10-15], pp.1095-1105.
8. MUTTO, Milton et al. Unintentional childhood injury patterns, odds, and outcomes in Kampala City: an analysis of surveillance data from the National Pediatric Emergency Unit. Journal of Injury and Violence Research, [S.l.], v. 3, n. 1, p. 13-18, apr. 2010.
9. MITCHELL, R.J. et al. Comparative analysis of trends in paediatric trauma outcomes in New South Wales, Australia. Injury. 2013;44(1):97-103.
10. Rede nacional primeira infância. Plano nacional da primeira infância: Projeto observatório nacional da primeira infância. 2014a

Quadro 1 – Análise do conteúdo das publicações quanto autores, ano de publicação, local do estudo, tipo do estudo, método de coleta, quantidade de amostras, resultados das prevalências obtidas e as considerações dos autores obtidas em cada estudo

Autor/ano	Desenho e local do estudo	Método/ amostra / faixa etária disponível para análise	Prevalência por tipo de acidente	Considerações dos autores
MALTA et al.; 2009	Corte transversal (2006 a 2007) Brasil	Análise de dados secundários (2016 e 2017) Amostra: 18.996 Faixa etária: 6-9 anos	2016: Quedas: 54,2% Acidentes de transporte: 15,4% Queimaduras: 1,6% Outros acidentes: 28,8% 2017: Quedas: 50,0% Acidentes de transporte: 14,2% Queimaduras: 1,6% Outros acidentes: 34,2%	A análise das taxas corrobora no direcionamento das ações em saúde, prevenção e controle dos agravos, que através de ações educativas envolvendo pais, famílias, profissionais de saúde e gestores.
MALTA et al.; 2015	Corte transversal (2011) Brasil	Análise de dados secundários Amostra: 7.224 amostras Faixa etária: 6-9 anos	Quedas 48,6% Acidentes de transporte 15,1% Queimaduras 1,5% Outros acidentes 34,8%	É de importância a supervisão contínua de adultos, pais ou responsáveis, que devem estar atentos aos riscos.
MARTINS et al.; 2015	Corte transversal (2001) Londrina-PR (Brasil)	Análise de dados secundários Amostra: 8.854 Faixa etária: 7-9 anos	Coefficiente por 1000 crianças: Queda 23,9 Acidente de transporte 6,3 Forças mecânicas inanimadas 11,5 Forças mecânicas animadas 3,2	A análise das diferenças no padrão de ocorrência desses agravos pode melhor direcionar as ações de prevenção.
ROMERO P, PATRICIO et al.; 2007	Corte transversal (2000) Chile	Análise em bases de dados secundárias Amostra: 968 Faixa etária: 5-9 anos	Acidentes que levaram a morte: Atropelamentos 27,6% Acidente de transporte 18,1% Intoxicação 12,9% Quedas 6,8% Afogamento 3,4% Outros 17,2%	A prevenção deve ser baseada em programas de educação e prevenção de acidentes e mostrando os riscos e danos nos acidentes.
MITCHELL, et al.; 2013	Estudo retrospectivo (2003 a 2008) Austrália	Análise em bases de dados secundária (2003 a 2008) Amostra: 1138 Faixa etária: 6-10 anos	Quedas 22,7% Acidentes de transporte 51,9% Queimaduras 5,2% Outros acidentes 13,1%	O número de lesões graves na infância apresentadas nos 14 centros de trauma permaneceu constante. Destaca a necessidade de programas específicos de prevenção de lesões, com especial atenção dada as quedas, queimaduras e violência.
MUTOO, et al.; 2011	Corte transversal (2008) Kampala (Uganda)	Análise em bases de dados secundárias Amostra: 556 Faixa etária: 5-10 anos	Com ajuste por modelo da razão por possibilidade: Quedas 0.40 de 5 a 8 anos e 0.70 com 9 e 10 anos Acidentes de transporte 0.35 de 5 a 7 anos e 0.5 dos 8 aos 10 anos Queimadura menos que 0.1 em todas as idades estudadas	Os acidentes são causas comuns de visita hospitalar de crianças menores de 13 anos, especialmente meninos. com diferenças significativas de idade e gênero na causalidade intencional.